



História do Marxismo Latino-Americano

Palestra proferida por Michael Löwy na
Escola Nacional “Florestan Fernandes”
em 18 de setembro de 2011

Para mim, é sempre um prazer vir a essa Escola, que tem o nome daquele foi meu professor na Universidade de São Paulo, Florestan Fernandes. Uma bela figura de pensador e lutador socialista. O conheci como mestre, e depois como companheiro de luta da esquerda. Também me emocionou muito a homenagem que escutei hoje na mística, a Apolônio de Carvalho. Conheci Apolônio de Carvalho no período em que ele esteve exilado na França, em Paris. Depois mantivemos o contato nas várias vezes em que estive no Brasil. Tenho por ele uma grande admiração; ele é um dos personagens mais comoventes e mais exemplares de nossa história de luta revolucionária, de luta internacionalista no Brasil e na América Latina. Então, me emocionou muito essa homenagem.

Vamos, então, dialogar sobre a história do marxismo na América Latina. Tenho uma hora para falar disso, mas é uma longa história. É um século de história do pensamento e da luta marxista — não se podem separar os dois. Portanto, para discutir bem esse assunto seriam necessárias muitas horas. Ou melhor, muitos dias. Ou, melhor ainda, muitos meses. De fato, seria necessário um ano para conhecer bem a história do marxismo na América Latina. Então, o que vou apresentar agora é um resumo do resumo do resumo. É assim, curtinho.

Deve ser dito que a história do marxismo na América Latina começa *mal*. Pode ser que termine bem, mas começa mal, para dizermos a verdade — e a verdade sempre é revolucionária. Por que começa mal? Bem, o primeiro marxista latino-americano — se podemos dizer assim —, foi um socialista argentino que traduziu o Livro I de O Capital de Marx para o castelhano, fundador do Partido Socialista Argentino: Juan B. Justo. Então lhe devemos esse trabalho de tradução de O Capital e isso foi uma contribuição importante. Mas em seus escritos teóricos e políticos, supostamente marxistas, se vê que Juan B. Justo não entendeu o pensamento de Marx. Ele interpretava Marx por uma chave positivista, evolucionista, darwinista e, sobretudo, eurocêntrica, para não dizer colonialista. Por exemplo, ele dizia a propósito da guerra durante todo o século XIX que levou o Estado Argentino oligárquico a combater os indígenas que viviam nos pampas argentinos que essa guerra representava o progresso, a civilização, porque os índios eram bárbaros. O exército argentino, expulsando os indígenas, às vezes os matando (eles resistiam), estava trazendo a “civilização” ocidental ao pampa. Obviamente, isso não é marxismo, isso não é socialismo. Isso é puro colonialismo europeu traduzido na Argentina. Esse é Juan B. Justo, fundador do Partido Socialista Argentino, um dos primeiros marxistas da América Latina. Então esse é um começo muito problemático. Muito discutível.

Esses primeiros marxistas latino-americanos se referem à social democracia européia. É sua forte inspiração. Para alguns, é a social-democracia de direita. É Juan B. Justo. Outros, mais à esquerda, se referem à social-democracia européia da esquerda. E aí temos já um personagem mais simpático, mais progressista, mais avançado que Juan B. Justo, que é Luís Emílio Recabarren, fundador do Partido Socialista Chileno e, depois, do Partido Comunista do Chile. Recabarren é muito mais à esquerda que Justo. Ele sim tem uma perspectiva de luta de classes, mas se vê em seus escritos que ele também trata de aplicar o marxismo, o socialismo europeu da Segunda Internacional à América Latina sem dar-se conta de que a América Latina não é a Europa. Por exemplo, Recabarren disse no Chile: “A luta é dos pobres contra os ricos e do povo contra a burguesia”. O que é certo. Mas o povo, para Recabarren, são os operários, a classe operária. E Recabarren não se dá conta de que a maioria do povo trabalhador no Chile, assim como em toda América Latina — particularmente nessa época — é formada por camponeses. Para ele, a luta de classes é do operário contra o patrão; ele não via o camponês. Havia uma espécie de miopia, porque o movimento socialista na Europa era da classe operária, era o movimento operário. Mas aqui na América Latina, a maioria dos trabalhadores é camponesa. Ele não se dá conta disso. E outro problema, ele vê a luta do operário e patrão, e não vê que por detrás do patrão no Chile e em toda América Latina está o imperialismo. Não se pode propor a luta de classe, a luta emancipadora na América Latina sem enfrentar o imperialismo e, particularmente, com o imperialismo americano. E disso o pobre Recabarren não se dava conta. Porque não via isso. Nos documentos que vinham da Segunda Internacional, da Europa, não se falava do imperialismo norte-americano. Então o que acontece? Os primeiros marxistas, os primeiros socialistas e até os primeiros comunistas — porque Recabarren foi comunista, fundador do Partido Comunista — fazem *calco y cópia*.¹ Eles pegam o socialismo europeu, o marxismo europeu, e o copiam, tentando aplicá-lo à América. Esse é o primeiro período da história do marxismo da América Latina. Então há um sério déficit de compreensão do que é a luta de classes na América Latina. A luta na qual não só os operários, mas também os camponeses são fundamentais. É uma luta que não é só contra o patrão, mas também contra o patrão dos patrões, que é o imperialismo.

O primeiro verdadeiro marxista latino-americano, que não buscou fazer *calco y cópia* do que vinha da Europa, e sim de inspirar-se na experiência européia, no marxismo europeu, no que havia de mais avançado, para entender o que acontece na América Latina, entender de forma marxista a realidade latino-americana em sua especificidade, foi o pensador — o qual vocês vão estudar durante as próximas semanas — José Carlos Mariátegui. Esse é o verdadeiro início do marxismo na América Latina: José Carlos Mariátegui (1896-1930). Morreu jovem, mas ainda assim nos deixou uma obra que é *fundamental*. Não foi só o primeiro a entender a América Latina a partir do marxismo, mas continua sendo

¹ Traduz-se por “carbono e cópia”.

até hoje uma referência *fundamental* para o pensamento e a luta marxista na América. Então vamos dizer algumas palavras sobre Mariátegui.

Qual é a obra mais importante de Mariátegui? *Siete Ensayos de Interpretación de la Realidad Peruana*, que vocês vão estudar. Essa é a primeira tentativa efetiva de analisar uma formação social latino-americana, o Peru, utilizando o método marxista. A obra analisa a história do Peru, a colonização ibérica, a resistência indígena, a independência, a estrutura econômica, a cultura, a literatura: o conjunto da formação social peruana a partir da perspectiva marxista. Mas crer que Mariátegui é só o autor de um estudo sobre Peru e, portanto, que só nos interessa se queremos estudar o Peru, é um erro. Mariátegui é autor de uma obra que fala não só dos problemas do Peru, mas também dos problemas América Latina. Ele pensou a história e o presente da América Latina, as lutas populares, as lutas camponesas, as lutas indígenas, a luta anti-imperialista do conjunto da América Latina. Ele não pensou só sobre o Peru, pensou sobre toda a América Latina. Por isso é o primeiro pensador marxista latino-americano. Procurou entender a revolução mexicana, o levante de Sandino em Nicarágua, etc. E, sobretudo, pensou a unidade latino-americana, a necessidade de pensar a América Latina como um todo. Não é só o Peru, Brasil: a América Latina é um todo. Ele dizia que as nações latino-americanas chegaram tarde à competição capitalista e nesse quadro estão condenados a ser colônias ou semicolônias desse imperialismo e a única alternativa à dominação imperialista sobre a América Latina são os Estados Unidos Socialistas da América Latina. Teremos que nos unir, os povos latino-americanos — esse é o sonho bolivariano da unidade latino-americana —, mas a partir de uma perspectiva socialista, porque no quadro do capitalismo vamos continuar sendo colônias do imperialismo. Mariátegui é um pensador não só do Peru, mas também de toda a América Latina. Mas eu diria mais, Mariátegui não é só um grande marxista peruano e um grande marxista latino-americano: ele é um grande marxista, *ponto*. É um dos grandes pensadores marxistas universais, porque em seus escritos há uma reflexão sobre o que é o marxismo, o que é a teoria marxista, que papel tem a ética no marxismo, que papel tem a mística no marxismo, que papel tem o mito na luta revolucionária. Temos que pensar Mariátegui como um dos grandes pensadores marxistas do mundo e se compararmos seus escritos com os de alguns dos marxistas europeus mais importantes como Antonio Gramsci, Georg Lukács ou Walter Benjamin, veremos que há muitas afinidades, muitas semelhanças, muitos pontos comuns. Assim, para compreendermos o significado que tem a obra de Mariátegui, temos que entendê-la no contexto peruano, latino-americano e no cenário mundial, universal.

Quais são, então, as ideias de Mariátegui? Vai tomar um pouco de tempo, mas creio é importante explicá-las. Seria um pouco como uma introdução ao trabalho que vocês vão fazer de leitura e discussão de Mariátegui. Vou apresentar a minha leitura; não digo que é a única, há outras leituras, há pessoas que têm outros pontos de vista que eu respeito, mas vou dar a minha interpretação. O que disse Mariátegui? Mariátegui tem uma interpretação do marxismo que é bastante singular; em muitos aspectos

tos é muito heterodoxa, é muito herética, desvia-se dos cânones dogmatizados do marxismo. Por quê? Há um texto polêmico dele que se chama *El Hombre y El Mito*, que eu gosto muito; outros não gostam, mas eu gosto muito. O texto diz assim: “*El pensamiento burgués se entretiene con una crítica racionalista de los métodos, las teorías, la técnica de los revolucionarios. ¡Qué incompreensión! El poder de los revolucionarios no está en su ciencia, está en su fe, su pasión, su voluntad. Es un poder religioso, místico, espiritual. Es el poder del mito. La emoción revolucionaria es una emoción religiosa. Los motivos religiosos han sido desplazados desde los cielos a la tierra. No son divinos, sino humanos y sociales.*” É um texto muito curioso, muito herético, não? Mariátegui é materialista e ateu, e se da conta de que a luta revolucionária tem uma dimensão mística, uma emoção religiosa, mas não uma religião do céu, uma religião daqui de baixo, da terra. Essa é a primeira heresia, se podemos dizer assim, de Mariátegui: marxismo não é só ciência, teoria... Sim, claro, é tudo isso, mas também é mística. A mística é um ritual, mas é mais que isso. A mística faz parte da subjetividade revolucionária. Mariátegui nos traz toda uma visão do que é o marxismo, o socialismo e a revolução.

Mariátegui em muitos dos seus escritos se refere ao romanticismo, à herança do romanticismo. Ele diz que existem dois romanticismos: um que é reacionário, individualista, burguês, mas há outro romanticismo que é revolucionário, por exemplo, o da Revolução Russa — porque ele identificava a Revolução Russa com o comunismo. Ele foi o fundador do partido socialista peruano, que foi o primeiro partido comunista no Peru. Mas o que é esse romanticismo? O romanticismo não é só uma escola de literatura, o romanticismo é uma visão de mundo, é uma crítica à civilização burguesa ocidental, em nome de certos valores do passado — o passado pré-capitalista — e por isso muitas vezes é reacionário, pois olha para o passado. Então existe o romanticismo reacionário. Mas o que é o romanticismo revolucionário? O romanticismo revolucionário não que voltar ao passado, mas dá uma volta no passado em direção ao futuro. Seu objetivo é o futuro, é o comunismo, o socialismo, a sociedade sem classes. Encontramos exatamente isso na obra de Mariátegui. Para criticar o colonialismo ibérico, o imperialismo norte-americano e o capitalismo, Mariátegui irá se referir ao passado do Peru, dos povos andinos e da América Latina para dizer o seguinte: antes de chegarem os colonos hispânicos — Cristovam Colombo, Pizzaro, Cortez, etc. —, existiam nas Américas civilizações indígenas e nessas civilizações existiam, no nível do povo, das comunidades populares, formas coletivistas de propriedade e de vida social. E ele chama essa civilização indígena campesina, pré-colombiana, de *comunismo inca*. Civilização do passado, portanto, antes de 1500. Esse termo foi muito criticado, sobretudo pelos marxistas soviéticos. Vladimir Mijáilovich Miroshevski, um especialista soviético em América Latina, escreveu um ensaio intitulado “Contra Mariátegui” no qual ele dizia: “Mariátegui é um romântico! Quem poderia inventar essa coisa de ‘comunismo inca’? Só mesmo um romântico latino-americano poderia imaginar tal coisa! Isso nada tem a ver com o marxismo.” Bem, há uma coisa curiosa. Vocês conhecem a pensadora marxista Rosa Luxemburgo. Grande revolucionária, judia, polonesa-alemã que fundou o Partido Comunista Alemão e foi assassinada em 1919 por um governo social-democrata. Rosa Luxemburgo escreveu um

livro, que só foi publicado depois de sua morte, chamado “Introdução à Economia Política”; nele há um grande capítulo que ocupa metade do livro que se chama “O Comunismo Primitivo” e nesse capítulo há algumas páginas sobre o Peru. Rosa Luxemburgo diz que existiam no Peru formas de comunismo inca. Mariátegui não conhecia esse texto de Rosa Luxemburgo, que foi publicado em 1927 em alemão, língua que ele desconhecia. Interessante notar a coincidência, pois a mesma ideia que aparece na obra de Mariátegui aparecia na obra de um dos mais importantes pensadores marxistas europeus, que é Rosa Luxemburgo. Então, não era uma invenção de um latino-americano esquisito, mas uma ideia que outros marxistas já haviam tido. Nesse comunismo inca havia formas de propriedade coletiva da terra — a terra pertencia às comunidades — e isso de alguma maneira permaneceu nas tradições comunitárias coletivistas dos indígenas, apesar da colonização espanhola, do extermínio, das guerras conquista, do capitalismo. Apesar de tudo, as comunidades mantiveram essa tradição comunitária. Mariátegui se refere a essa tradição para criticar a colonização espanhola que destruiu essa civilização inca e criou o capitalismo baseado na propriedade privada. Mariátegui disse: “Nós não queremos voltar ao passado. Não queremos restaurar o comunismo inca. De maneira nenhuma. Esse comunismo inca tinha a sua frente um imperador; era um sistema absolutista. Não havia liberdade. Então nós não queremos voltar a esse comunismo. Queremos o comunismo moderno que inclui a democracia e as liberdades modernas. Portanto, não queremos voltar à civilização inca.” Mas por que nos interessa, então, essa referência ao comunismo inca? Porque na cultura e nas tradições indígenas do Peru, de outros países andinos, Bolívia, Equador e de maneira geral em toda a América Latina — pois, além dos incas, havia os maias na Guatemala e os Astecas no México —, existiam várias civilizações indígenas com esse elemento comunitário. Mariátegui nos diz que o coletivismo, o socialismo, o comunismo são ideias que têm raízes profundas na América Latina. Não são apenas ideias que saíram da Europa. Claro, de lá saíram o marxismo e o comunismo modernos. Mas também existem nas raízes culturais e sociais, na história, na memória coletiva e nas tradições comunitárias indígenas e camponesas da América Latina. Por que isso é importante? É importante, disse Mariátegui, porque, graças a essas tradições, nós, os marxistas modernos podemos não só organizar os governos de passagem ao comunismo, como disseram Marx e Engels, mas podemos também dirigir-nos aos camponeses e indígenas, ganhá-los para o nosso programa socialista moderno apoiando-nos em sua cultura coletivista e comunitária. Isso dá uma formidável base ao socialismo, ao comunismo moderno na América Latina. Para isso é preciso que os comunistas e marxistas entendam essa história tenham um diálogo com a cultura indígena. Essa é a colocação que faz Mariátegui: o socialismo, o comunismo moderno têm que dialogar com as culturas indígenas e se apoiar em suas tradições coletivistas, comunitárias, comunistas — no sentido primitivo do termo — para desenvolver a luta de classes, a luta contra o latifúndio e contra o capitalismo. Então, quem fizer a reforma agrária no Peru e na América Latina não deve fazer uma reforma agrária burguesa, capitalista, baseada na propriedade privada, mas sim uma reforma agrária coletivista, socialista, apoi-

ando-se nessas tradições indígenas, camponesas, coletivistas. Essa posição de Mariátegui provocou muitas discussões. Os representantes latino-americanos da ortodoxia soviética, entre esses, Vittorio Codovilla, um dos fundadores do partido Comunista Argentino, polemizaram contra Mariátegui. Em 1929 houve uma conferência dos partidos comunistas da América Latina; Mariátegui não pôde ir por que estava doente, mas enviou um documento com as suas posições. Vittorio Codovilla disse: “Que história é essa!” A orientação que vinha da União Soviética era que na América Latina não estavam dadas as condições para falar de socialismo; não teriam amadurecido as condições objetivas para uma revolução socialista. “Estamos na etapa da revolução nacional democrática, de uma revolução democrática burguesa na América Latina” — dizia Codovilla — “Temos que fazer uma aliança com a burguesia industrial para acabar com o feudalismo na América Latina e para conquistar a independência nacional em relação aos Estados Unidos. O socialismo não está na ordem dia porque as forças produtivas não estão suficientemente desenvolvidas, porque a indústria não se desenvolveu suficientemente.” Esse era o discurso ortodoxo de Vittorio Codovilla e de outros dirigentes do movimento comunista. Mariátegui, que também era comunista e marxista, tinha outra posição: “O socialismo não tem que esperar que as condições econômicas amadureçam, não tem que esperar que se desenvolva a indústria. Não. O que temos aqui é uma massa — maioria da população — camponesa e indígena que tem tradições coletivistas, que é receptiva a nossa proposta socialista. Por isso temos que lutar contra o imperialismo. No entanto, qual é a alternativa ao imperialismo? Não são os estados nacionais capitalistas sob o bastão da burguesia, porque dentro do capitalismo continuaremos sendo colônias ou semi-colônias do imperialismo. A única alternativa é a unidade socialista da América Latina.” Quero ler um parágrafo em que Mariátegui coloca um pouco de sua ideia de socialismo na América Latina: “*En el fondo, el socialismo está en la tradición americana. La civilización incaica fue la organización primitiva comunista más avanzada que ha conocido la historia...*” — pois comunismo primitivo há em todas as partes, mas o comunismo inca era talvez o mais avançado — “*No queremos, ciertamente, que el socialismo sea en América calco y copia. Debe ser creación heroica. Tenemos que darle vida, con nuestra propia realidad, en nuestro propio lenguaje, al socialismo indo-americano. He aquí una misión digna de una generación nueva.*” Essa passagem é um dos textos mais importantes da história do marxismo na América Latina. Mariátegui diz: nós não devemos fazer *calco y copia*. Claro, temos muito a aprender com o marxismo, com socialismo e o comunismo europeus, e muito a aprender com a Revolução Russa, etc. Mas não devemos fazer *calco y copia*; temos que traduzir o marxismo em nossa linguagem e relacioná-lo com as nossas tradições indo-americanas. Portanto, o socialismo será aqui uma criação heróica de nossos povos; algo novo, não *calco y copia*.

Mariátegui morreu em 1930, muito jovem. Durante longos anos, depois de sua morte, predominou na esquerda latino-americana e no marxismo latino-americano o *calco y copia* — essa é a verdade. *Calco y copia* do marxismo, do comunismo europeu e do soviético, em particular. A orientação vinha da União Soviética, da linha russa, dos partidos. Esses representantes do *calco y copia* defendiam que a Amé-

rica Latina não tinha condições para uma revolução socialista; as condições objetivas não estavam amadurecidas. Portanto, a revolução aqui deveria ser democrática e nacional, etc. Esse discurso predominou durante muito tempo na história da esquerda e do marxismo latino-americanos.

Na mesma época em que viveu Mariátegui, temos um pensador latino-americano que também formulou um pensamento marxista original: Julio Antonio Mella. Foi fundador do Partido Comunista Cubano, um dos primeiros pensadores anti-imperialista da América Latina. Assim como Mariátegui, ele associava estreitamente o anti-imperialismo, a luta contra a ditadura e a luta contra o capitalismo. Nesse tempo em que viveu Mella havia a terrível ditadura de Machado em Cuba — um poeta comunista chamado Rubén Villena chamava o ditador Machado de “asno com garras”. Julio Antonio Mella lutou contra essa ditadura e contra o imperialismo, mas ele associava a luta contra o imperialismo e contra a ditadura com a luta contra o capitalismo como um todo — não se podem separar essas três coisas. Portanto, Julio Antonio Mella tinha esse posicionamento radical: uma luta anti-imperialista e anticapitalista ao mesmo tempo. Foi praticamente um percussor. Morreu muito jovem, com 26 anos de idade, assassinado pelo ditador Machado. Sua obra ficou incompleta, sobraram poucos escritos de Julio Antonio Mella; então não é uma obra tão desenvolvida e profunda como a de Mariátegui, mas também tem um sentido importante. Outra ideia importante de Julio Mella é que os revolucionários marxistas de Cuba deveriam se apoiar na história revolucionária de Cuba e no pensamento de José Martí — está certo que Martí não era marxista, comunista, mas ele tinha um pensamento profundamente revolucionário e anti-imperialista. Mella dizia: “Os marxistas e comunistas cubanos somos continuadores e devemos ser Martí”. E com essas ideias Julio Antonio Mella foi o percussor da Revolução Cubana; colocou essas ideias fundamentais que vão ser implementadas pela Revolução Cubana. Juntou a posição anti-imperialista de José Martí e a unidade entre a revolução anti-imperialista e a revolução anticapitalista — a Revolução Socialista — o que foi certamente a Revolução Cubana. Esses foram, então, os primeiros verdadeiros marxistas latino-americanos, Julio Antonio Mella e José Carlos Mariátegui.

A partir do início dos anos 30 começa a predominar o que chamo de *calco y copia* ou que se pode chamar também de “stalinismo”. Essa orientação predominou no movimento comunista sob a direção de Stalin, com uma orientação burocrática, dogmática e com pouca dimensão revolucionária. No entanto, continuaram existindo na América Latina pensadores e militantes revolucionários marxistas, dentro do movimento comunista, que tinham uma orientação revolucionária, não seguiam as instruções e orientações da direção soviética ou da direção da Internacional Russa. E aqui temos um exemplo muito interessante, que é o levante popular revolucionário de El Salvador em 1932. Não sei se vocês conhecem essa história, que está um pouco esquecida, mas que é uma história muito interessante. O Partido Comunista de El Salvador foi fundado por Augustín Farabundo Martí, grande pensador revolucionário. Há uma frase muito bonita de Martín: “*Cuando la historia no se puede escribir con la pluma, entonces debe escribirse con el fusil*”. Como dizia Julio Antonio Mella, “Agora tem a palavra o Camarada Mauser!” Mauser,

para os que não sabem, é um tipo de pistola. Então Martí funda o Partido Comunista e começa a organizar os trabalhadores, camponeses, indígenas, soldados para um levante contra a ditadura militar que existia em El Salvador e contra o imperialismo que estava atrás dessa ditadura. E ele consegue organizar um movimento amplo, organizando em células, armando os trabalhadores e camponeses. Mas a ditadura descobre essa preparação e prende Farabundo Martí e os dois principais dirigentes comunistas de El Salvador, Luna e Zapata. Mas os militantes comunistas salvadoreños não se deixaram intimidar por isso e em resposta a essa repressão, se levantam em armas. Foram 40 mil, gente do povo salvadoreño, que se levantaram em armas. Nem todos tinham revólveres, fuzis e assim foram lutar com facões, com o que conseguiam encontrar. Foi uma insurreição de massas que deu muito prazer à ditadura militar de reprimir, mas isso levou semanas. Na verdade, foi uma guerra civil. No final, a ditadura conseguiu reprimir o levante; mataram dezenas milhares de revolucionários, foram 20 mil mortos, uma verdadeira matança. Mas foi um verdadeiro levante popular.

Na verdade, a insurreição de 1932 de El Salvador, foi a única insurreição de massas revolucionária da história da América Latina dirigida por um partido comunista. Foi a primeira e a última; não houve outras. Todas as demais foram dirigidas por outras forças revolucionárias. Na Nicarágua foi liderada por Sandino, que era um anti-imperialista, mas não era comunista. Depois tivemos a Revolução Mexicana liderada por Zapata. A Revolução Cubana foi liderada por pessoas que vieram do Movimento 26 de Julho, etc. A única revolução dirigida por um partido comunista foi em El Salvador, e deu-se contra as instruções da Internacional Comunista, que não o apoiou a insurreição — acredito que isso foi um erro. E um dirigente comunista mexicano, David Siqueiros — grande pintor, mas não era político —, denunciou esse levante dizendo: “Foi um erro! Não se pode fazer uma revolução em um pequeno país da América Central como El Salvador, porque senão vem o imperialismo e o destrói. É impossível”. Era uma ideia que muitos dirigentes comunistas tinham e, obviamente, se tivesse sido seguida, não teria acontecido a Revolução Cubana. Esse é um aspecto importante que deixou uma herança na cultura do povo salvadoreño. Mais tarde, nos anos 70, criou-se a Frente Farabundo Martí de Libertação. Outra coisa interessante na história dessa revolução — não se pode esquecer que os partidos comunistas não falavam disso — é que o primeiro a recuperar a memória dessa história foi um escritor e poeta salvadoreño chamado Roque Dalton. Nos anos 60, Roque Dalton foi entrevistar um dos sobreviventes da revolução, Miguel Mármol, que havia sido fuzilado, mas, por sorte escapou com vida. Roque Dalton reuniu toda a documentação, entrevistou Miguel Mármol e publicou um livro sobre essa história na Cuba revolucionária. Depois Roque Dalton voltou a El Salvador, durante a ditadura militar, nos anos 70, para engajar-se na luta revolucionária. Daí aconteceu uma tragédia terrível: a organização supostamente revolucionária da qual ele participava, dirigida por um senhor chamado Joaquín Villalobos, teve um desacordo tático com o Roque Dalton; ele foi tachado de traidor e fuzilado. São essas coisas horríveis que às vezes acontecem na esquerda da América Latina. Assim foi que Roque Dalton — grande

poeta, escritor e lutador revolucionário salvadorenho, que viveu exilado em Cuba por muitos anos —, quando voltou a El Salvador para participar da luta, foi fuzilado por seus companheiros por ordem Joaquín Villalobos. Não gosto de usar a palavra “traidor”, pois ela é se utilizada demasiadamente na esquerda — “Fulano é um traidor!” Porém, nesse caso, se aplica a palavra. Joaquín Villalobos é um *traidor* e não só porque matou Roque Dalton; ele foi cada vez mais na direção do reformismo social-democrata e depois teve uma empresa de consultoria militar que prestou serviços a governos imperialistas. Esse foi o fim de sua carreira. São essas coisas que acontecem na nossa América Latina...

Pois bem, voltemos à história do marxismo na América Latina. Depois da insurreição em El Salvador, tivemos um levante militar dirigido pelos comunistas no Brasil. Luiz Carlos Prestes, principal dirigente do Partido Comunista Brasileiro, militar que se converteu ao marxismo, organizou, em 1935, um levante militar contra o regime ditatorial de Getúlio Vargas no Brasil. Mas não foi uma insurreição popular como a de El Salvador; foi um levante militar. Vários grupos militares de esquerda, que simpatizavam com Luiz Carlos Prestes, se levantaram em armas sob a liderança de uma frente que o partido comunista havia se organizado — a Aliança Nacional Libertadora. Mas eles fracassaram. Porém, cabe insistir, não se tratou de um levante popular; não houve participação popular dos trabalhadores, dos camponeses. Foi um assunto de militares de esquerda contra militares de direita e, obviamente, como a maioria dos militares era de direita, o levante foi derrotado. Portanto, foi uma história muito diferente, mas podemos dizer que foi uma tentativa de levante revolucionário.

Pois bem, aqui termina um pouco a história revolucionária da América Latina, chegando até 1935. Depois disso, temos um longo período em que não há — pelo menos dentro do movimento comunista latino-americano — iniciativas revolucionárias. Há pensadores revolucionários na América Latina; alguns dentro do movimento comunista, alguns fora. Havia muitos pensadores e lutadores marxistas que não estavam nas fileiras dos partidos, mas não houve movimentos revolucionários dirigidos pelos comunistas ou pelos marxistas. O primeiro levante revolucionário acontecerá bem mais tarde, 25 anos mais tarde, que é a Revolução Cubana, sob a liderança de Fidel e Raul Castro, que não vinham do partido comunista. Aliás, o partido comunista não os apoiou, só fazendo isso mais tarde. Fidel e Raul vinham de outro movimento revolucionário que era o “Movimento 26 de Julho”; depois todos se juntaram para formar o novo Partido Comunista Cubano. A revolução cubana foi um movimento decisivo, uma virada na história da América Latina. Foi a primeira revolução socialista, anti-imperialista, democrática, anti-ditatorial — porque tudo isso é inseparável — da América Latina.

A partir da experiência da revolução cubana, aparece um pensador marxista muito importante, que vocês todos conhecem, que é Ernesto “Che” Guevara. Ele é um dos grandes renovadores do pensamento marxista latino-americano e fará uma série de colocações muito importantes para a América Latina, a partir da perspectiva de uma revolução bolivariana latino-americana com um programa socialista. Como dizia uma famosa frase de Che Guevara: “*Por otra parte las burguesías autóctonas han perdido toda*

su capacidad de oposición al imperialismo — si alguna vez la tuvieron — y sólo forman su furgón de cola. No hay más cambios que hacer; o revolución socialista o caricatura de revolución.” Che Guevara foi um dos marxistas latino-americanos a chamar a atenção para a importância dos camponeses como sujeitos revolucionários. A tradição do comunismo latino-americano depois dos anos 30 foi o trabalho com a classe operária, o trabalho sindical — que é muito importante —, mas os camponeses eram como se não existissem. Che Guevara disse: “Não, os camponeses são a maioria da população na América Latina e são uma classe que tem um formidável potencial revolucionário”, como mostrou a revolução cubana; a revolução cubana foi em grande parte uma revolução camponesa. Che Guevara volta a colocar no centro da reflexão marxista essa questão. Além disso, ele foi alguém que pensou a importância do humanismo na teoria marxista. Não chegou a desenvolver esse tema, mas a colocação é, de todo o modo, muito importante.

Quero concluir falando de uma coisa que me parece fundamental. Depois da revolução cubana apareceu algo novo no marxismo latino-americano e também algo que não havia sido previsto nem por Marx, nem por Engles, nem por Lenin, nem por ninguém, que é a participação dos cristãos nas lutas revolucionárias. Trata-se do aparecimento de uma corrente cristã, que se refere ao marxismo e que se chama “Teologia da Libertação”. Talvez devêssemos falar em “Cristianismo da Libertação”, pois ela surgiu antes mesmo da teologia. Há uma corrente de pensamento e de ação cristã que surge nos anos 60, da qual participam figuras como Camilo Torres, o primeiro padre que a se envolver na luta revolucionária — ele morreu combatendo pelo Exército de Libertação Nacional na Colômbia — e uma série de pensadores e teólogos como Gustavo Gutierrez no Peru, Leonardo Boff e Frei Beto no Brasil, Inácio Ellacuría em El Salvador. E ser teólogo da libertação não é sem risco; muitas vezes se paga um preço muito alto; Inácio Ellacuría foi assassinado pelo exército por suas posições. Essa corrente teve um papel muito importante, trazendo os cristãos para a luta revolucionária. Assim, nos escritos dos teólogos da libertação, encontramos a associação da crítica cristã ao poder e à idolatria do mercado com a crítica marxista ao capitalismo. É uma nova forma, heterodoxa, herética, do marxismo na América Latina — o marxismo cristão — e que teve um papel muito importante na revolução sandinista na Nicarágua, na guerrilha salvadorenha, no levante zapatista no México, sem falar do papel dos cristãos na organização dos indígenas e dos camponeses em toda América Latina, a começar pelo Brasil, com o movimento dos sem terra que, como vocês sabem, tem a sua origem na Pastoral da Terra.

Teria muitas outras coisas a dizer, mas vamos fazer uma pausa.